

Arquidiocese de Niterói
Paroquia Nossa Senhora da Assunção
Cristologia – Pe. Marcelo Chelles – 3ª Aula

A CRISTOLOGIA DE SÃO MATEUS

O Evangelho segundo São Mateus foi redigido primeiramente em aramaico por volta de 50 na própria terra de Israel. Esse original aramaico perdeu-se; após o ano 70 a pregação deixou de ser feita em aramaico. Ficou, uma tradução grega do texto original (ano de 80) de Mateus. Examinemos a figura de Cristo em Mateus:

Lição 1: Jesus — O Termo de Chegada do Antigo Testamento

Mais do que qualquer outro evangelista, Mateus utiliza as Escrituras do Antigo Testamento. Isto se compreende bem, dado que o autor escrevia para judeus convertidos ao Cristianismo, querendo demonstrar-lhes, através de citações bíblicas, que Jesus é o Messias prometido pelos Profetas. Este traço se tornou essencial para a Cristologia de São Mateus.

Contam-se 43 citações — explícitas ou implícitas — do Antigo Testamento em Mateus, aqui seguem algumas:

Mt 1,22s	— Is 7,14
Mt 13,35	— SI 77(78),2
Mt 2,5s	— Mq5,2
Mt15,8s	— Is 29,13
Mt 21,4s	— Zc 9,9

Assim Mateus relê as Escrituras do Antigo Testamento, projetando sobre elas a luz de Cristo, e, vice-versa, repassa a imagem de Cristo, iluminando-a com passagens do Antigo Testamento. Assim fundamenta a famosa sentença de S. Agostinho: “O Novo Testamento está **latente** no Antigo, e o Antigo está **patente** no Novo”.

Lição 2: Genealogia e Nascimento de Jesus

A genealogia de Jesus (Mt 1,1-17), à primeira vista pouco interessante, é altamente significativa para quem a sabe ler. Estudemo-la de perto:

“Genealogia de **Jesus Cristo**” (Mt 1,1). É de notar o solene uso do duplo nome **Jesus Cristo** — coisa rara nos Evangelhos (cf. Mt 1,18; Mc 1,1; J0 1,17; 17,3). O vocábulo **Cristo** é um aposto, que significa Messias (= Ungido).

“**Filho de Davi, Filho de Abraão**”. Mateus apresenta Jesus em seu contexto humano; é figura histórica. O título “Filho de Davi” significa que é herdeiro do rei a quem foram feitas as promessas messiânicas (cf. 2Sm 7,1-16) e, ao mesmo tempo, o cumprimento dessas promessas.

“Filho de Abraão” significa que Jesus realiza as profecias feitas a Abraão: “Em teu nome serão abençoadas todas as nações da terra”(Gn 12,3).

DAVI equivale a três consoantes hebraicas: D (daleth) + V (vau) + D (daleth). Cada consoante hebraica tem valor numérico; no caso, $D + V + D = 4 + 6 + 4 = 14$. Por conseguinte o valor numérico do nome **David** em hebraico é 14. Ora, observemos que o evangelista dispõe a série de antepassados de Jesus em três segmentos de quatorze nomes (cf. Mt 1,17); isto quer dizer que Jesus é três vezes Davi ou é o rei (Ungido, Messias) por excelência. A intenção do evangelista se torna mais evidente ainda, se consideramos que, para obter as séries de quatorze nomes, Mateus teve que omitir várias gerações; além do quê, a terceira série consta apenas de treze nomes, pois Jeconias que encabeça a série também termina a anterior.

Como se vê, tal árvore genealógica leva à confissão de que Jesus é o Messias; tal é o “cartão de visita” com que Jesus entra no mundo.

Também são dignos de nota os quatro nomes de mulheres incluídos (contra o costume da época) na genealogia de Jesus; são estrangeiras ou pecadoras(Tamar, Gn 38,1-10; Raab, Js 2,1-21; Rute, Rt 4,13-17; Betsabéia, a mulher de Urias, 2Sm 11,2-27). Este fato quebra a impressão de que Jesus é apenas o filho e o Salvador de israelitas e santos, pois evidencia que Jesus recebeu também o sangue de não-israelitas e pecadores, mediante os quais Ele é irmão e Salvador de todos os homens.

Observemos ainda que a genealogia termina em Maria e não em José. - Donde a pergunta: como pode Jesus ser herdeiro das promessas feitas a Davi, se não é o filho físico de José, mas é concebido no seio de Maria por obra do Espírito Santo? Em resposta, vale a pena notar que o próprio Deus, Autor das promessas, manda a José que dê o nome de Jesus ao Filho de sua esposa (Mt 1,21); isto quer dizer que José é o pai de Jesus segundo a lei da adoção, que em Israel conferia plenos efeitos de paternidade.

A concepção virginal de Maria (Mt 1,18-25) significa que Jesus é a grande novidade, o novo Adão, não produzido pelas virtualidades da natureza, mas devido a uma nova obra criadora do Espírito de Deus, a fim de dar início à “nova criatura” (2Cor 5,17).

Lição 3: A Majestade de Jesus

O retrato muito humano que Marcos nos deixou de Jesus, é retocado por Mateus, de modo a pôr mais em relevo a majestade de Jesus:

- 1) Mateus evita referências aos sentimentos de Jesus; assim, por exemplo, Não diz que Jesus foi movido por compaixão: Mc 1,41; Mt 8,32;
que Jesus ficou indignado: Mc 3,5; 10,14; Mt 19,14;
que Jesus se surpreendeu: Mc 6,6; Mt 13,58;
que Jesus concebeu afeto pelo jovem rico: Mc 10,4; Mt 19,21;
que Jesus se apavorou e angustiou: Mc 14,33; Mt 26,37;
que Jesus olhou com ira e tristeza: Mc 3,5; Mt 12,12;
que os familiares de Jesus o tinham por louco: Mc 3,21; Mt 12,46.

2) Mateus omite tudo o que possa sugerir alguma limitação (decorrente da humanidade de Jesus), e exalta tudo o que engrandece Jesus. Assim, por exemplo,

a) Mateus não diz que Jesus foi ver se havia figos numa figueira fora da estação de frutas:

Mc 11,13: Ao ver, à distância, uma figueira coberta de folhagem, foi ver se acharia algum fruto. Mas nada encontrou senão folhas, pois não era tempo de figos”.

Mt 21,19: “Vendo uma figueira à beira do caminho, foi até ela, mas nada encontrou senão folhas”.

b) Jesus faz os milagres que quer:

Mc 6,5: “Não podia realizar ali nenhum milagre a não ser algumas curas de enfermos, inpondo-lhes as mãos”.

Mt 13,58: “E não fez ali muitos milagres por causa da incredulidade deles”.

c) **Mateus suprime as perguntas formuladas por Jesus em Marcos**, pois assim realça a onisciência de Jesus. Comparem-se entre si:

Mc 5,30 e Mt 9,20-22;

Mc 6,38 e Mt 14,15-18;

Mc 9,21 e Mt 17,14-17;

Mc 9,33 e Mt 18,1-4;

Mc 10,2 e Mt 19,4;

Mc 14,14 e Mt 26,18

d) **Mateus utiliza 13 vezes a expressão “prostrar-se diante de Jesus”**; Marcos, 2 vezes; e Lucas, 3 vezes apenas. Em Mateus, tal verbo exprime sempre uma atitude de profunda reverência ou mesmo de adoração. Pode haver prostração em vista de um pedido (Mt 8,2; 9,18; 15,25; 18,26; 20,20) como também em sinal de profunda homenagem (Mt 2,2.8.11; 14,33; 28,9.17). “Prostrar-se” é a atitude do servidor diante do seu senhor; cf. Mt 18,26.

e) **A majestade de Jesus parece indicada também pelo emprego do verbo “aproximar-se”**: 52 vezes em Mt; 5 vezes em Mc; 10 vezes em Lc, e 10 vezes nos Atos dos Apóstolos. — A expressão é tipicamente mateana; significa um acesso reverente: quem vai pedir um milagre a Jesus, aproxima-se (Mt 8,25; 9,18.20.28; 15,23; 17,14); quem quer falar com Jesus, aproxima-se (Mt 4,3; 8,19; 24,3; 26,17).

Interessante é o episódio da tempestade acalmada segundo Mc 4,35-41 e Mt 8,23-27. O texto de Mc diz que “os discípulos levavam Jesus como estava, no barco” (4,36); Mateus diz que “Jesus entrou no barco e os discípulos o acompanharam” (Mt 8,23). Para despertar Jesus no momento da tempestade, os discípulos **aproximaram-se dele** respeitosamente (Mt 8,25); Marcos afirma que “o acordaram e o interrogaram: Mestre não te importa que pereçamos?” (4,38); Mateus substitui esta indagação por uma prece dirigida ao Senhor: “Senhor, salva-nos, estamos perecendo!” (Mt 8,25).

Estas pequenas diferenças entre os evangelistas não depõem contra a historicidade dos

episódios narrados, mas evidenciam que cada qual quis pôr em relevo algum aspecto da figura de Jesus: Marcos, mais o lado humano; Mateus, mais o lado divino.

Lição 4: O Filho de Deus Vivo

Se o texto atual (grego) de Mt data de 80 aproximadamente, é posterior às epístolas de São Paulo, que professam nitidamente a Divindade de Jesus Cristo; tenhamos em vista as cartas aos Filipenses (2,5-11), Colossenses (1,15-20), Efésios (1,3-14), que professam a preexistência de Cristo. Ora em S. Mateus encontram-se fórmulas que põem em nítido relevo a Divindade de Jesus:

Assim **Mt 11,25-27** (com paralelo em Lc 10,21s): “Pôs-se Jesus a dizer: ‘Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai, e ninguém conhece o Filho se não o Pai, e ninguém conhece o Pai se não o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar’. Este texto professa igualdade entre o Pai e o Filho, de modo que somente o Pai pode conhecer o mistério do Filho e somente o Filho pode conhecer o Pai.

Em **Mt 28,19** Jesus manda batizar “em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo”. — Eis uma fórmula de fé na Santíssima Trindade, que coloca no mesmo plano as três Pessoas Divinas. É por causa disto que Jesus pode perdoar os pecados, como só Deus o pode fazer (Mt 9,8). Os fariseus queriam saber qual a razão dessa autoridade (Mt 21,33): é a identidade com a própria Divindade.

Em **Mt 16,16** Pedro confessa: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”, como também os discípulos, após o caminhar de Jesus sobre as águas, se prostraram e exclamaram: “Verdadeiramente; tu és o Filho de Deus!” (Mt 14,33).

Em **Mt 26,65** o Sumo Sacerdote interpela: “Eu te conjuro pelo Deus vivo: dize-nos se tu és o Cristo, o Filho de Deus”. Tratava-se de um desafio, pois pedia um juramento: Jesus respondeu tranqüilamente: “Tu o disseste”.

Por isto também, segundo Mateus, Jesus utiliza o título “Pai (celeste)” mais freqüentemente do que segundo Marcos e Lucas. Somente em Mateus Jesus diz “Meu Pai que está nos céus” (Mt 7,21; 12,50)

Em **Mt 13,55**, Jesus é tido como “o Filho do carpinteiro”. Mas o evangelista mostra que São José não teve parte na concepção de Jesus: “Antes que coabitassem, Maria foi encontrada grávida pelo Espírito Santo”; “o que nela foi gerado, vinha do Espírito Santo” (cf. Mt 1,18-20).

É nestes termos que a figura de Jesus Cristo aparece no Evangelho de Mateus: sem deixar de ser verdadeiro homem, nascido da estirpe de Abraão e Davi para salvar todos os homens, Ele é descrito de maneira que a sua Divindade sobressaí com evidência, se

comparamos o texto de Mt com o de Mc; este é mais tosco, mais rude e arcaico; o texto de Mateus, sendo posterior ao de Marcos, é a expressão do aprofundamento que os primeiros cristãos fizeram da figura de Jesus, empenhando-se por realçar a sua transcendência.